

Possas tu, descendente maldito de uma tribu de nobres guerreiros, implorando crueis forasteiros, seres presa de vis Aymorés (G. Dias).

Certos verbos synonymos de *buscar, tentar, pretender, usar*, occorrem, em escriptores classicos, por vezes usados com infinitivo flexionado, embora venham junto a elle. Esta pratica tem cahido em desuso:

Trataram de se recolherem por terra (Couto).

Não toma flexão o infinitivo dependente de *mandar, deixar* ou *fazer* quando, alem destes verbos, se empregue um nome ou pronome que seja ao mesmo tempo objecto do verbo regente e sujeito do verbo regido:

O fumo faz fugir as abelhas.

Não *nos deixeis cahir* em tentação.

Isto dizendo, *manda os deligentes ministros amostrar* as armaduras (Camões).

Deixa andar os homens nesta vida semelhantes aos brutos (Arrais).

Aquelle attractivo divertimento *fizera voar as horas* (Herculano).

Os preceitos positivos *nos mandam seguir* o bem, os negativos *nos mandam fugir* o mal.

Faz ir docemente murmurando *as aguas* (Camões).

A regra precedente é applicavel ás combinações de *ver* e *ouvir* com infinitivo quando os verbos, regente e regido, vêm proximos um do outro.

Achando-se afastado pela interposição de dizeres um tanto extensos, pode o infinitivo tomar flexão em concordancia com o sujeito. Ás vezes o infinitivo flexionado occorre sómente por haver a intenção de realçar o sujeito:

Verão morrer com fome os filhos caros.

Verá braços e pernas ir nadando (Camões).

Viram desapparecer os godos numa garganta estreita (Herculano).

Viu de antigos, longinquos e altos montes *nascерem duas claras e altas fontes* (Camões).

Todos se calaram quando *te ouviram cantar*.

Ouve mugir os bois (Castilho).

Nada mais delicioso para o coração do que *ouvir estes dous irmãos falarem* della (Castilho).

Não *ouve falar as pedras* (Garrett).

Junto a verbos que significam *declarar, mostrar, pensar*, o infinitivo, tendo sujeito diverso do do verbo regente, concordará necessariamente com este sujeito tomando a forma flexionada:

Disse serem falsas as assignaturas.

Isto mostra serem bons os conselhos.

Affirma não existirem taes plantas no paiz.

Sendo o sujeito do infinitivo o mesmo que o dos verbos *declarar, mostrar, pensar*, serve a forma pessoal para pôl-o novamente em relevo:

Mostravam terem recebido damno (Barros).

Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a agua se enxergavam alguns orificios profundos, que *mostravam terem* servido para embeber as traves da ponte (Herculano).

Confessam deverem-vos a vida que vivem (Fr. L. de Sousa).

Affirmam estarem impossibilitados de proseguir viagem.

Estando elle e os outros, *cuidando terem* bom posto (Barros).

Com o verbo *parecer* usado impessoalmente emprega-se o infinitivo flexionado em concordancia com o respectivo sujeito:

Parecia serem ali degolados alguns bois (Barros).

Parecia quererem saltar no regaço do Santo (F. L. de Sousa).

O caminho que seguia a multidão dos infieis, os quaes lhes *pareceu dirigirem-se* para o lado do celebre mosteiro (Herculano).

Empregando-se *parecer* como verbo pessoal, costuma-se, na linguagem corrente de hoje, juntar-lhe o infinitivo sem flexão. Pode comtudo usar-se a forma flexionada se, pela interposição de dizeres extensos, o infinitivo vier muito afastado do verbo *parecer*:

Mordiam os freios brilhantes e *pareciam adivinhar* que estava proximo um dia de combate (Herculano).

As aves aquaticas *pareciam* nos seus vôos incertos, ora vagarosos, ora rapidos, *folgarem* com os primeiros dias da estimação dos amores (Herculano).

A linguagem quinhentista fornece exemplos do verbo pessoal *parecer* construído com infinitivo flexionado, achando-se os verbos juntos um ao outro:

Com aquelles impetos muitas vezes *pareciam cortar* pelo ar, e não pela agua (Barros).

Pareciam virem na ordem das procissões da invocação (Barros).

Usa-se a forma pessoal na combinação *ao*+infinitivo, como equivalente de oração temporal explicita iniciada pela conjunção *quando*:

Rugindo de colera *ao contemplarem* este espectáculo, apertavam contra o peito a cruz das espadas (Herculano).

Ficaram todos pasmados *ao verem-no* caminhar.

Nas exclamações e interrogações o uso do infinitivo flexionado mostra que se quer referir a acção em especial a certo sujeito:

Tu, Hermengarda, *recordares-te*?! (Eurico). *Morreres*?! Oh, não! *Assassinares* uma fraca mulher, assassinar-te a ti proprio e *renegares* da vida eterna! (Herculano).

Ha contudo casos de frases exclamativas, em que o infinitivo, com sujeito expresso, deixa de concordar com elle; conservando-se sem flexão. Com esta linguagem se accentua o contraste entre o agente e a acção que determinam a surpresa, parecendo cousas incompatíveis:

Vós arriscar vossa Pessoa, e a vossa vida!

Vós ir padecer e morrer a mãos de vossos inimigos! (Vieira).

Precedido da preposição *de* e dependente de verbo, adjectivo ou substantivo que designem sentimento (alegria, espanto, admiração, orgulho, vergonha, temor, esperança, desesperança, tristeza, etc.), o infinitivo denotador da causa determinante tomará a forma não-flexionada se o sentido é bastante claro e não houver intuito de fazer valer a *emphasis*:

Ha muitas cousas que não queremos dizer e *folgamos* em extremo *de* as *ouvir* (R. Lobo).

Os verdadeiros religiosos *gloriam-se de ser* bem obedientes (H. Pinto).

Ficaram *contentes de ver* o resultado.

Aos que *se envergonham de poupar* a vida, para a perder com gloria quando o dia do sacrificio chegar, darei eu o exemplo (Herculano).

Os quaes *se prezavam de guardar* juntamente a lei de Christo e a de Moysés (Arrais).

Desde porém que possa haver qualquer equivoco ou se queira mostrar que a pessoa a quem o verbo no infinitivo se refere é ou deve ser vivamente affectada pelo sentimento, toma o infinitivo a forma pessoal. Dos innumerables exemplos encontraveis em escriptores portuguezes mencionaremos aqui apenas os seguintes:

Ficando contentes e *alegres de verem* entre aquelles dous fidalgos tamanhas discordias (D. do Couto).

Pasmas-te de me veres a mim, ou *de te veres* a ti em tamanha honra? (F. M. Pinto).

Não *te espantes de* Baccho nos teus reinos *receberes* (Camões).

Aquelles que *folgam de* os *adularem* (H. Pinto).

Folgarás de veres a policia portugueza na arte e na milicia (Camões).

Estes *pasmados de verem* o sol, que se não movia; aquelles, tambem *pasmados de esperarem* pelo sol, que não chegava (Vieira).

Vergonha havias tu de ter *de me allegares* com o Santo (Bernardes).

Os que tem alguma indole e *se prezam de serem* verdadeiros filhos de seus pais (Arrais).

Têm logo *esperança certa de serem* livres. (F. M. Pinto).

OBSERVAÇÃO. — Para mais exemplos e esclarecimentos contrarios á deficientissima regra de Soares Barbosa, consulte-se nossa Syntaxe do Portuguez Historico.

O infinitivo regido da preposição *de*, quando usado como complemento especificador ou delimitador de uma noção expressa por substantivo ou adjectivo, tem a forma impessoal se se considera a acção em abstracto. Havendo porém conveniencia ou necessidade de referir a acção em especial ao sujeito, recorre-se ao infinitivo flexionado:

Tão *amigos de conservarem* a Fé em sua pureza, e *de a dilatarem* foram sempre seus pais e avós (Fr. L. de Sousa).
Os godos, porém, tinham a *vantagem de caminharem* ordenados (Herculano).

Incapazes de conhecerem a vantagem da ordem e da disciplina (Herculano).

Com *obrigar a, constranger a, forçar a* usa-se na linguagem commum o infinitivo impessoal. Querendo porém dirigir particularmente a attenção para a victima do constrangimento, emprega-se o infinitivo pessoal:

Aquelles em cujos peitos Deus encerrara ouro e prata, eram *obrigados a desprezar* os metaes da terra (Arrais).

Isto *obrigou* os religiosos *a cortar* por todas as contrariedades (Fr. L. de Sousa).

Mas por derradeiro os *constrangeu a lhe pedirem* paz (Arrais).
Obrigar os donos do achado *a darem* premio a quem achou (Bernardes).

Queixavam-se de que os *obrigava a trabalharem* gratuitamente nos reparos dos seus castellos (Herculano).

Serão *forçados a se accommodarem* com a paz (Vieira).

Ensinar a vem de ordinario com infinitivo sem flexão quando se menciona simplesmente o acto que se ensina a praticar:

Ensinaram-te na escola *a ler e a escrever*.

Ensinou-nos elle a jogar esgrima.

Se o infinitivo construido com *ensinar a* vem acompanhado de termos explicativos de certa extensão, convem ás vezes reavivar por meio do infinitivo flexionado a noção da pessoa a quem se ensina:

Pois ella nos *ensina a amarmos* nossos amigos (Fr. L. de Sousa).

Ginetes *ensinados a voltarem* sós ao campo christão do deserto (Herculano).

Regido de qualquer das preposições *até, para, por, com, em, sem, sobre, antes de, depois de, em vez de, alem de*, usa-se tanto o infinitivo impessoal como o infinitivo

flexionado. Nenhuma importancia tem o ser o sujeito diferente ou o mesmo que o da oração subordinante.

A escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos sómente da acção ou do intuito ou necessidade de pôrmos em evidencia o agente do verbo. É este o criterio adoptado na pratica por todos os escriptores portuguezes desde os mais remotos tempos até a data de hoje.

Dos innumerados exemplos de infinitivo pessoal mencionados em nossa Syntaxe Historica reproduziremos aqui sómente os seguintes:

Todos morreram *sem se quererem* entregar (Barros).

Em vez de aborrecerem o mal, aborrecem a luz (Vieira).

Como estais *sem irdes* prégar a santa fé? (Camões).

Então é que protestam *com dizerem*: Aqui estamos (Vieira).

Já sabemos que és nascido *para nos alegrares e espojares* com o riso (Bernardes).

Lançaram-se despeadamente apoz elle *para o alcançarem* antes que chegasse ao bosque (Herculano).

Os dous dias que me pediste *para chorares* o teu captiveiro passaram (Herculano).

Vai e deixa-te lá estar *até veres* chegar o bergantim (Garrett).

Por ultimo queriamos, *sem nos desviarmos* do nosso guia, retocar um ou outro descuido (Castilho).

Conserva-se impessoal o infinitivo com sentido passivo e forma activa, bem como todo o infinitivo dependente das locuções *facil de, difficil de, bom de, mau de, impossivel de, duro de, estar para, estar a, estar por*:

Homens *difficeis de contentar*.

Notas *impossiveis de reproduzir*.

Os doentes *estão para morrer*.

Rios *faceis de atravessar*.

As frutas *estão a cahir* de maduras.

Os hospedes *estão a chegar*.

As cartas *ficaram por escrever*.

Emprego do gerundio

Usa-se do gerundio ou como verbo absoluto ou em combinação com certos verbos auxiliares.

Com o gerundio absoluto constituem-se orações implícitas de varias especies.

Uma das applicações mais frequentes é aquella em que o gerundio denota acção simultanea, podendo desdobrar-se em oração explicita iniciada pela conjunção *emquanto* ou *ao mesmo tempo que*, como nestes exemplos:

Gritando mareiam velas (Camões).

Comendo alegremente perguntavam, pela arabica lingua, donde vinham (Camões).

Às vezes, o facto designado pelo gerundio não é rigorosamente simultaneo a outro, e sim anterior, realiado immediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerundio a uma oração temporal iniciada por *depois que*:

Isto *dizendo*, manda os deligentes ministros amostrar as armaduras (Camões).

Sopesando a lança quatro vezes, com força tira, e deste unico tiro muitos lançaram o ultimo suspiro (Camões).

Chegando ao collegio, procurámos ver o mestre.

Inversamente, se o acontecimento occorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explicita, o gerundio, denotando facto immediato, equivalerá a uma oração coordinativa iniciada pela conjunção *e*:

Recebeu a joia, *entregando-a* [=e entregou-a] depois á esposa.

Achámos ter de todo já passado do Semicapro peixe a grande meta, *estando* [=e que estavamos] entre elle e o circulo austral (Camões).

Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique; *acabando* a cerimonia com o conde de Barcellos (F. J. Freire).

O gerundio vem ás vezes precedido da particula *em*; neste caso diz o mesmo que as orações temporaes de *logo que*, *no momento em que*. Outrora, podia-se applicar esta linguagem a factos vindouros ou passados. Hoje, costuma-se empregar o gerundio com *em* principalmente falando de successos futuros:

Em amanhecendo, montaremos a cavallo.

Em chegando a casa, telephonarei.

Por meio do gerundio pode-se tambem exprimir a causa determinante de um facto. Equivale a oração implicita, neste caso, a uma oração subordinativa causal caracterisada por *já que*, *visto que*, *visto como*, *porque*, etc., como nestes exemplos:

Confiando na justiça do ministro, espero um despacho favoravel.

Vendo que nenhum remedio produzia effeito, deu-se por incuravel.

Sendo já tarde, trataram de se recolher aos seus aposentos.

Muitas vezes o gerundio denota o modo, meio ou instrumento:

A disciplina militar prestante não se aprende, senhor, na fantasia, *sonhando*, *imaginando*, ou *estudando*; senão *vendo*, *tratando* e *pelejando* (Camões).

Muitos dos naturaes de Cochim se passavam do reino a outras partes, *fugindo* de noite em barcos (J. de Barros).

Escreveu a dissertação *empregando* tinta encarnada.

O ladrão abriu a porta *servindo-se* de gazua.

Os Mouros se afastaram do navio *remando* a toda a pressa.

Enuncia abreviadamente a oração condicional em exemplos como os seguintes:

Chovendo [=se chover] não sahirei de casa.

Ainda lhe ficou esperanza que *tornando* [=se tornasse] outra vez, alcançaria victoria (J. de Barros).

Chegarás facilmente lá, *querendo*.

Disseram que o negocio era duvidoso. *Sendo assim*, não arriscarei meus tabedaes.

Tambem se pode empregar com sentido concessivo,

isto é, em lugar de uma oração explicita caracterisada por *ainda que, posto que, embora, apesar de que*, etc. Ex.:

Chamam-lhe fado mau, fortuna escura, *sendo* só providencia de Deus pura (Camões).

Viu Alexandre Apelles namorado da sua Campaspe e deu-lh'a alegremente, não *sendo* seu soldado experimentado, nem *vendendo-se* num cerco duro e urgente (Camões).

O gerundio pode equivaler não sómente a oração adverbial, mas ainda a oração adjectiva:

Foi banhado em azeite e pez *fervendo* (Bernardes).

Foi atezado com faxas *ardendo* (Bernardes).

Ginete Rabicano, gerado só de fogo e do vento, e *pastando* ar como camelião (Bernardes).

A sua solida base terminada em duas gargulas, uma *imitando* o corpo de um leão rapante, outra o de homem estirado sobre o ventre (Herculano).

Acudiam cartas do nosso arcebispo a miude, escriptas com muito calor, e *pedindo* a Sua Santidade declarasse a preminencia (Fr. L. de Sousa).

Algumas comedias havia com este nome *contendo* argumentos mais solidos (Fr. J. Freire).

OBSERVAÇÃO. — Para mais esclarecimentos e exemplos relativos ao gerundio com valor de oração adjectiva, emprego este que a alguns puristas parece gallicismo, consulte-se nossa Syntaxe do Portuguez Historico.

Juntando-se o gerundio, como verbo principal, a *estar*, como verbo auxiliar, obtem-se a conjugação composta denotadora do momento rigoroso, a qual muito se emprega no falar quotidiano em lugar das formas simples:

A criança *está dormindo*.

Antonio *estava escrevendo* quando entrámos.

Estão batendo á porta.

O relógio *está dando* tres horas.

Em lugar do verbo *estar*, combinam-se muitas vezes com o gerundio *andar, ir, ou vir* para significar melhor a duração ou repetição do facto:

Andam espalhando esta noticia.

Em que *andas pensando?*

As formigas *vão destruindo* as plantações.

Iamos perdendo a esperança de salvá-lo.

O vento *vinha refrescando*.

A combinação do gerundio, quer com *estar*, quer com *andar*, *ir*, *vir*, encontra-se também na linguagem literaria, principalmente nos escriptores da era camoneana:

Não soffre muito a gente generosa *andar-lhe* os cães os dentes *amostrando* (Camões).

As ancoras tenaces *vão levando* com a nautica grita costumada (Camões).

Nos perigos passados *vão fallando* (Camões).

As mãos lhe estava *atando* um dos duros ministros rigorosos (Camões).

EMPREGO DO ARTIGO

Não leva artigo a palavra *casa* precedida de preposição nas locuções *em casa, de casa, a casa, para casa*, denotando o substantivo residencia ou familia:

Não sahi *de casa* por causa da chuva.

Passo os domingos *em casa* de um sobrinho.

Tomou um auto e dirigiu-se *para casa*.

Desde que entrara *para casa* do tio Bartholomeu, nunca mais puzera pés no campanario (Herculano).

Como se fora um dos mais conhecidos *de casa* (Fr. Luis de Sousa).

Nos alforges acharam o provimento que tinham trazido *de casa* do santo (Bernardes).

Vai-se *a casa* e sem detença se arma de ponto em branco (Bernardes).

Tomada a palavra *casa* no sentido proprio de predio, edificio, ou significando negocio, estabelecimento, instituição, assembléa, dynastia, dizemos com artigo *na casa, da casa, á casa, para casa*:

Entrámos *na casa mais proxima*.

Procuram-no por todos os recantos *da casa*.

Era um principe francez *da casa de Anjou*.

Haviam de encontral-o *na casa dos Expostos*.

Vinha a senhora *da casa das Fazendas Pretas*.

Passou a noite *na casa do jogo*.

OBSERVAÇÃO. — Diz-se *o medico de casa* para denotar o medico que costuma tratar a familia e *o dono* (ou *a dona*) *da casa* tanto para significar o proprietario do predio como para indicar a pessoa que governa os negocios domesticos. Dizemos entretanto *uma boa* (*má*, etc.) *dona de casa*.

Falando das partes do corpo, empregamos o artigo definido, em vez do possessivo, para dar a entender

que as ditas partes do corpo são proprias do individuo a que nos referimos :

Pedro rolou da escada e quebrou *o braço*.
 Levantei-me cedo, lavei *o rosto*, escovei *os dentes*.
 Abre *a boca* e fecha *os olhos*.
 Antonio, ouvindo tal noticia, sacudiu *a cabeça*.

Omitte-se todavia o artigo nas locuções adverbias em que estes nomes vêm precedidos da particula *de* ou *a* :

Ficamos aqui *de braços cruzados*.
 Atravessou a baixada *a pé enxuto*.
 Encontrei-o na cama *de perna estendida*.
 O doente vai definhando *a olhos vistos*.
 Aceito a proposta *a olhos fechados*.
 Ouvindo a decisão, todos ficaram *de boca aberta*.
 Puzemo-nos *de joelhos*.

Servindo de complemento ao verbo *ter*, e não vindo acompanhados de qualificativos, os nomes das partes do corpo se dizem sem artigo :

O cavallo *tem cauda*.
 A ave *tem bico, pennas e asas*.

Se os ditos nomes, complementos de *ter*, vêm seguidos de qualificativo, usam-se ora sem artigo ora com elles. applica-se a primeira maneira de dizer (omissão do artigo) sobretudo quando se trata de qualidades congenitas ou permanentes :

O homem de quem falo *tem nariz grosso, boca pequena, olhos azues, cabellos castanhos*.
 Elle *tem pés grandes, ella tem mãos pequenas*.

É de regra o emprego do artigo quando *ter* se toma na accepção de «manter», «conservar» e o qualificativo se refere a um estado accidental ou é expresso por um participio :

O desgraçado *tinha os olhos fechados e a boca aberta*.
Tens hoje as mãos limpas e a cara suja.
 O menino *tinha os pés descalços*.

Certas datas do calendario se dizem com artigo: o *Natal*, o *Anno-Bom*, o *Carnaval*, o *Entrudo*, a *Paschoa*. Omitté-se comtudo o artigo se estes nomes vierem precedidos das expressões *dia de*, *presente de*:

Passei o *dia de Natal* em Theresopolis.

Os prestítos sahirão no terceiro *dia de Carnaval*.

Mandei-lhe o *presente de Anno-Bom*.

Diz-se com artigo a *Quaresma*, e sem elle *primeira*, *segunda*, etc. *semana de Quaresma*. Usa-se o artigo depois da preposição *de* em *semana da Paixão*, mas omitté-se em *sexta-feira de Paixão* como em *quinta-feira de Endoenças*, *quarta-feira de Cinza*, *sabbado de Alleluia*.

Nomes de mezes não levam artigo:

Completo quinze annos de idade *em dezembro* proximo.

Em março passado fez muito calor.

Sucedeu isto no dia 20 *de abril*.

Junho é o mez das noites compridas.

O emprego de artigo exigido pela anteposição de um qualificativo acarreta geralmente a substituição dos nomes *janeiro*, *fevereiro*, etc. pelas expressões *mez de janeiro*, *mez de fevereiro*, etc.:

O insupportavel *mez de janeiro* (em vez de: o insupportavel *janeiro*).

O frio *mez de junho* (em vez de: o frio *junho*).

Os nomes das quatro estações do anno levam artigo, salvo se vierem precedidos da particula *de*, significando « proprio de ».

No Rio de Janeiro o *inverno* é mais agradavel que o *verão*.

Supporto melhor os dias *de inverno* que as noites *de verão*.

Era uma bella manhã *de primavera*.

Mandei fazer uma roupa *de inverno*.

As frutas *de inverno* são menos doces que as frutas *de verão*.

OBSERVAÇÃO. — Certas frases em que o nome da estação vem precedido da preposição *de* exigem o emprego do artigo: *na força do verão*, *o rigor do inverno*, etc.

Os nomes dos dias da semana tomam artigo. Usados adverbialmente, podem dispensal-o juntamente com a preposição *em*:

Conto estar de volta *quinta-feira* (ou *na quinta-feira*).

Domingo haverá grande festa.

Sabbado almocei com teu irmão.

O artigo definido pode fazer as vezes do vocabulo *cada* nas frases em que se estipula por unidade o custo ou valor das cousas :

A seda vende-se a quarenta mil réis *o metro*.

O passeio de automovel sahiu a dez mil réis *a hora*.

Nomes proprios de pessoas não levam artigo no falar culto, salvo se estiverem no plural, como *os Scipiões*, *os Cesares*, *os Pereiras*, etc.

Devemos dizer e escrever *Shakespeare*, *Camões*, *Dante*, *Tasso*, *Gonçalves Dias*, etc. e não *o Tasso*, *o Dante*, etc., linguagem esta que é imitação servil do italiano.

A linguagem antiga permittia antepôr artigo a nome proprio que fosse mencionado anteriormente; mas esta pratica é desusada na linguagem litteraria de hoje:

Dos dous primeiros seus filhos Caim e Abel, *o Caim* foi reprovado, e *o Abel* escolhido (Heitor Pinto).

No trato familiar e no falar do povo contraria-se a linguagem culta, antepondo de ordinario o artigo a nomes de pessoas conhecidas daquelles com quem conversamos.

Nomes de rios, de montes e de certos mares usam-se com o artigo, referindo-o não ao nome proprio, mas sim ao appellativo (rio, monte, mar) que se tem em mente:

O S. Francisco é maior que *o Parahyba*.

O Chimborazo é bem mais alto que *o Vesuvio*.

A companhia de navegação retirou seus navios da carreira *do Adriatico*.

Por estar subentendido o termo «ilhas» dizemos: *as Hebridas*, *as Orcadas*, *as Canarias*, *as Berlengas*, *as Antilhas*, *as Bermudas*, etc. Conserva-se todavia o genero

masculino em os *Abrolhos*, os *Açores* por influencia dos ditos nomes considerados como appellativos.

Diz-se a *Trindade* ou a *ilha de Trindade*; porém em geral não levam artigo os nomes de ilha no singular: *Sardenha*, *Corsega*, *Malta*, *Cuba*, *Jamaica*, *Itamaracá*, *Madagascar*, etc.

Não levam artigo os nomes de cidades, exceptuando a *Bahia*, o *Porto*, o *Rio de Janeiro*, o *Rio Grande* por effeito da sua origem appellativa, e o *Cairo* por influencia do arabe *El-Kahira*. Em Vieira documenta-se a *Haya*; hoje dizemos simplesmente *Haya* sem artigo.

Os nomes de terras e regiões de maior extensão, paizes, provincias, estados, continentes, etc., variam quanto ao emprego do artigo: uns o exigem, outros não o admittem, outros finalmente tomam em geral o artigo, mas podem ás vezes dispensal-o.

Estão neste ultimo caso certos nomes geographicos antigos e bem assim alguns modernos: *Europa*, *Asia*, *Africa*, *America*, *Hespanha*, *França*, *Italia*, *Allemanha*, *Ethiopia*, *Inglaterra*, *Irlanda*, etc.

Exigem artigo: o *Egypto*, o *Japão*, a *China*, a *Indo-China*, a *India*, a *Siberia*, a *Mongolia*, a *Mandchuria*, o *Industão*, o *Tibet*, o *Pamir*, e alguns outros do velho mundo.

Os nomes dos paizes americanos, com algumas excepções, levam geralmente artigo: o *Brasil*, o *Perú*, o *Chile*, a *Bolivia*, o *Uruguay*, o *Canadá*, etc.

Os nomes dos estados do Brasil dizem-se com artigo: o *Amazonas*, o *Piauí*, o *Ceará*, o *Maranhão*, etc. Exceptuam-se comtudo: *Minas-Geraes*, *Pernambuco*, *Sergipe*, *Alagoas*, *Mato-Grosso*, *Goyaz*, bem como *S. Paulo*, *Santa-Catharina*. Estes dous ultimos nomes prescindem do artigo, porque prevalece esta regra para quaesquer designações de lugares tiradas de nomes de santos.

Diz-se: a *Beira*, o *Minho*, o *Alemtejo*, a *Galliza*, o *Algarve*, as *Asturias*.

O numero de nomes de terras usados com artigo é diminuto em comparação da immensidade de nomes de paizes, provincias, departamentos, estados, condados, etc. que povoam os mappas, e que sempre se mencionam sem

artigo. Exemplos de alguns mais conhecidos: *Portugal, Castella, Aragão, Leão, Granada, Marrocos, Navarra, Borgonha, Angola, Moçambique, Venezuela, Honduras, Guatemala, Nicaragua, Virginia, Nevada*, etc.

OBSERVAÇÃO. — Supprime-se de ordinario o artigo dos nomes geographicos nas enumerações: *Os estados do Brasil são: Amazonas, Pará, Maranhão*, etc.

EMPREGO DOS NUMERAES

As expressões pleonasticas *ambos de dous, ambos os dous, ambos estes dous*, de que occorrem varios exemplos em escriptores quinhestistas e que se podem documentar tambem em escriptores posteriores, são desusadas na linguagem actual. O pleonasma apparece ás vezes disfarçado com a posposição de *ambos* ao substantivo. Nesta construcção não choca tanto ao ouvido moderno:

Estes dous desprimores nascidos *ambos* do mesmo vicio (Vieira).
Estas duas utilidades... *ambas* estão sujeitas a dous perigos (Vieira).

O numero ordinal latino *primus, prima, primum*, foi substituido em portuguez por *primeiro, primeira*, (de *primarius, primaria, primum*). A antiga forma latina apparece nos compostos *primavera, primogenito* e usa-se nas locuções *obra-prima, materia-prima, numeros primos*. Deu, alem disso, o nome de parentesco *primo*, abreviação de *primo coirmão* (isto é, «primeiro coirmão»).

O numero ordinal é substituido pelo cardinal, a partir do undecimo, na distincção dos seculos, e na dos monarchas e dos papas do mesmo nome:

Milton viveu no seculo XVII.

A radiographia é descuberta do seculo XX.

Luiz XVI morreu guilhotinado.

O papa Leão XIII succedeu a Pio IX.

O numero ordinal é substituido pelo cardinal na designação das horas e em certas expressões referentes á idade de alguem, usando-se com o numero no plural o substantivo igualmente no plural:

E' uma hora [por: é a primeira hora].

São quatro horas [por: é a quarta hora].

Falleceu aos 20 annos [por: no vigesimo anno de vida].

Uso analogo do cardinal em vez do ordinal se faz na designação dos dias do mez, porém o vocabulo *dia* anteposto ao algarismo, conserva-se no singular. Mencionado depois, como é costume em certos documentos officiaes, o vocabulo *dia* toma a forma do plural junto a *dous, tres*, etc.

No dia 24 de maio [por: no vigesimo quarto dia de maio].

Aos 21 dias de junho, achando-se presentes taes e taes pessoas, foi lançada a pedra fundamental.

Com referencia ao primeiro dia do mez, diz-se indifferentemente *em um de março* ou *no dia primeiro de março*.

A determinação das paginas de um livro faz-se com a preposição *em* ou *a*. No primeiro caso diz-se a palavra *pagina* no singular seguida de numero cardinal: *na pagina 24, na pagina 3, na pagina 15*, etc. Pode-se emtanto designar as do principio do livro com o numero ordinal: *na primeira pagina, na segunda pagina, na terceira pagina, na quarta pagina*, etc.

Empregando a preposição *a* diz-se com o substantivo no plural: *a paginas 48, 16*, etc.

Para a especificação dos capitulos serve a preposição *em*, juntando-se ao vocabulo *capitulo* o cardinal ou o ordinal do mesmo modo que com a palavra *pagina*.

O processo de empregar o cardinal em lugar do ordinal, sobretudo para os numeros superiores, tem muita applicação na vida pratica por ser mais simples.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes possessivos

O pronome possessivo admite artigo antes de si: o *meu*, o *teu*, o *seu*, etc.

Como pronome absoluto, usado predicativamente junto de *ser*, *tornar-se* ou de algum verbo que signifique «considerar como pertencente», o possessivo sem artigo denota que o objecto é ou deve ser de propriedade de certa pessoa, e não de outrem. Com artigo anteposto, mostra o confronto feito com objecto similar pertencente a outra pessoa:

Esta casa é *minha* [isto é, ella me pertence].

Esta casa é *a minha*; *a tua* fica mais adiante.

Tudo isto *tornar-se-á vosso* no dia em que subirdes ao poder.

Já *contava como seu* o que apenas lhe haviam promettido.

Em outro qualquer caso, o possessivo absoluto não pode prescindir do artigo ou de um determinativo que o substitua.

Este anel não é de mais preço que *o teu*.

Com os meus esforços e *os vossos* a obra andar-á mais depressa.

O capitão acompanhado *dos seus* chegou por terra.

Trocas a tua fortuna com *a minha*.

Não sympathisamos com *esse seu* [ou *o seu*] companheiro.

O possessivo adjunto usa-se mais frequentemente com artigo, mas tambem pode usar-se sem elle:

Apascenta *minhas* [ou *as minhas*] ovelhas.

Quero-o vivo em *minhas* [ou *nas minhas*] mãos.

Resplandeceu *o seu* rosto.

Tal era *o meu* desejo.

A *minha mão* desfallecida abandonou-te (Herculano).

Nomes que indicam parentesco requerem o possessivo sem artigo, salvo se se quiser reforçar o possessivo emphaticamente:

Salvou *seu pai* da desgraça.

Um esquadrão mais lustroso que o de *seus* sobrinhos (Herculano).

A *tua* filha nunca te accusará ante o supremo juiz (Herculano).

E' o cemiterio em que jazem os ossos *dos nossos* avós.

Teus irmãos abandonaram-te.

Sendo os nomes de parentesco tomados no sentido translato, como por exemplo *filho*, significando «natural de um lugar», *irmão* applicado a pessoa pertencente a uma determinada classe, communitade, nação ou raça, costuma-se antepor o artigo ao adjunto possessivo:

Junto ao Chryssus a Hespanha pedia *aos seus filhos* que morressem sem recuar (Herculano).

Considerava-o como o mais veneravel entre *os seus irmãos* no sacerdocio (Herculano).

Com artigo se diz o possessivo junto a um nome para indicar a pessoa a quem em especial interessa o individuo de que se fala:

E como *o nosso* menino cessava do choro e tomava o peito com Christo diante dos olhos (Vieira).

Cumpria melhor que todos *o nosso* peregrino o que Deus prometteu (Vieira).

Os doze de Inglaterra com *o seu* Magriço.

Frases que costumam dizer-se sem artigo, como *em poder de*, *em nome de*, *por vontade de*, *a respeito de*, *a gosto de*, *a favor de*, e outras, prescindem igualmente do artigo quando substituem por um possessivo adjunto o complemento formado com a particula *de*:

Falámos *em teu nome*.

Estão *em nosso poder* todos os documentos.

Escreveram *a nosso respeito*.

Por *minha vontade* tal não aconteceria.

Eu *em vossa presença* pequei contra o céu (Vieira).

Nada alcancei *a teu favor*.

Vieram *em meu soccorro* todos os meus amigos.